

DVA – Uma demonstração que veio para ficar

A Demonstração do Valor Adicionado – DVA, elaborada através dos dados já disponíveis na Contabilidade, pode ser considerada um excelente instrumento macroeconômico e serve para mensurar a riqueza gerada pelas atividades das empresas, bem como mostrar a forma de distribuição dessa riqueza entre os agentes econômicos que participaram de sua criação. A elaboração descentralizada dessa demonstração por Regiões, Estados ou Municípios, deverá ser um grande paradigma e poderá servir como base de comparação com os estudos elaborados por institutos econômicos especializados, tais como o IBGE e o IPEA.

Informações úteis e necessárias para análises de investimentos, concessões de empréstimos, avaliação de subsídios ou definições na instalação de projetos que possam ter grande repercussão social, estão disponíveis de forma ordenada na DVA. Em outros países, já é comum a exigência de apresentação dessa demonstração quando se pretendem instalar grandes projetos, sejam eles privados ou governamentais. Dentre nós, sua importância começa a ser evidenciada através do Projeto de Lei nº 3741/2000, que prevê a apresentação obrigatória dessa demonstração para todas as empresas de grande porte.

No Brasil, os primeiros estudos dessa nova demonstração foram desenvolvidos no Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo – FEA-USP. Nos últimos oito anos, a Demonstração do Valor Adicionado acabou tendo um aumento de vulto e importância. Sem medo de errar, pode-se afirmar que boa parte do impulso tomado por mais essa demonstração contábil foi sua inclusão no cálculo de excelência empresarial utilizado pela FIPECAFI – Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras – para a escolha das empresas com os melhores desempenhos nos setores em que a atividade econômica é dividida para a edição de “Melhores e Maiores”, da Revista Exame.

Em 1997, primeiro ano em que a DVA foi utilizada no referido cálculo de excelência empresarial, foram 44 as empresas que publicaram essa demonstração. Em 2004, esse número subiu para 138, com o aumento expressivo de mais de 210%. Já são mais de mil as empresas que a elaboram e a enviam para o banco de dados da FIPECAFI. Claro que tal aumento não pode ser atribuído apenas a um único motivo; certamente o entendimento pelas empresas do tipo de informação de que poderiam passar a dispor, além do apoio dado pela CVM – Comissão de Valores Mobiliários, que passou a incentivá-las a divulgarem, de forma espontânea, esse tipo de demonstração, inclusive citando, textualmente o modelo divulgado pela FIPECAFI, são fatores que também muito contribuíram para esse comportamento.

Mas a questão é a seguinte: no que essa demonstração contábil é diferente das demais? As respostas aqui poderão ser bastante divergentes entre os profissionais encarregados de elaborar e aqueles que se utilizam das demonstrações contábeis. Tenho uma visão muito crítica e que também pode conter algum viés, que pode ser resumida em uma outra questão: por que as demonstrações contábeis são tão sub-utilizadas? Nossas atuais demonstrações contábeis, é minha opinião, estão carecendo de algo que lhes possa atribuir um maior interesse por parte da sociedade em geral; aliás, essa é uma verdade até para os próprios estudantes e profissionais ligados à área de Contabilidade. Não são raras as vezes em que tenho pesquisado junto aos alunos de graduação e de pós-graduação sobre quem leu as demonstrações contábeis publicadas pelas empresas em que trabalham. E, infelizmente, são pouquíssimas as oportunidades em que tenho encontrado respostas positivas. Óbvio que isso é uma prova inequívoca do desinteresse que tais demonstrações têm provocado até para aqueles para os quais julgamos que elas seriam imprescindíveis. O que nos parece é que as demonstrações contábeis, na forma como são hoje divulgadas, só são lidas por aqueles que têm interesse direto e imediato em suas informações.

Os motivos para esse comportamento podem ser diversos e entendo que deveríamos tentar descobri-los o mais rápido possível. Alguns deles, talvez, estejam relacionados à forma de apresentar as demonstrações contábeis tradicionais, ou à enorme quantidade de dados que se tem que percorrer para obter uma determinada informação, ou ainda à própria linguagem do contador, que não consegue atingir aqueles que não são iniciados ou têm poucos conhecimentos em termos de matéria contábil. A DVA faz ressurgir das cinzas a oportunidade de podermos apresentar o fruto de nosso trabalho à sociedade, mas será imprescindível descermos de nosso pedestal e nos aproximarmos de todos os que conosco possam colaborar.

Ariovaldo dos Santos
Prof. Titular do Departamento de
Contabilidade e Atuária da FEA/USP
e Pesquisador da FIPECAFI